

Izabela Leal*

UFPA

Sena & Sophia

Diz-me, poeta, o que fazes? — Eu canto.

Porém a morte e todo o desencanto,

como os suportas e aceitas? — Eu canto.

(Rainer Maria Rilke, tradução de Augusto de Campos)

No Brasil, o ano de 2019 foi marcado por um profundo desencanto, um desencanto político que não afetou apenas a esfera econômica ou administrativa do país, mas a sociedade como um todo, marcadamente no campo da educação e da cultura. Por isso mesmo, não deixa de ser uma coincidência instigante e necessária que nesse mesmo ano se celebrem os centenários de nascimento de dois poetas portugueses que também experimentaram na carne o sentimento de desencanto e se dedicaram incansavelmente a pensar e a questionar o seu próprio tempo: Sophia de Mello Breyner Andresen e Jorge de Sena. Sena nasceu em Lisboa, Sophia, no Porto, ambos no mês de novembro; mas não são apenas essas as coincidências que os aproximam. Sophia e Sena foram excelentes poetas, porém foram muito mais do que isso: intelectuais que viveram de forma intensa a realidade política de seu país e batalharam com todas as forças em prol de uma necessária renovação. Foram também mais do que amigos, nutrindo uma grande admiração mútua, como atestam os poemas e as cartas trocadas entre eles.

O livro *Sena & Sophia: centenários*, organizado por Gilda Santos, Luci Ruas e Teresa Cristina Cerdeira, professoras e pesquisadoras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, procura dar conta do imenso trabalho intelectual e poético desses dois autores e de sua grande amizade, reunindo as reflexões de inúmeros estudiosos da obra de Sena e Sophia no Brasil e no exterior. Publicado em 2020 pela editora Bazar do Tempo, o livro resultou de um Congresso Internacional promovido pelo Centro de Estudos do Real Gabinete Português de Leitura e pela Cátedra Jorge de Sena, ocorrido em setembro de 2019 com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e do Instituto Camões.

O livro, enquanto objeto para o qual convergem todas essas linhas de força, é também uma casa, lugar de acolhimento e de habitação poética, notável por seu projeto gráfico e estrutural. A começar pela capa, bela fachada que convida a entrar, evocando visualmente a elegância dos versos dos dois poetas, e na qual se destaca também a presença de fotografias de Fernando Lemos, artista plástico luso-brasileiro que foi um grande amigo de Jorge de Sena. De modo geral, a noção de equilíbrio molda a arquitetura do livro, na medida em que se percebe um empenho na organização dos textos, divididos em quatro seções – salas ou quartos – que receberam como título versos dos poemas de Sena e Sophia: Átrio: “em redor da mesa”; Sena: “capitão de tempestades”; Sophia: “no esplendor da maresia” e Sena & Sophia & outras vozes: “cartas poemas e notícias”. Ainda no que diz respeito ao projeto editorial, é notável a presença dos poemas que Sophia dedicou a Sena e vice-versa: “Carta(s) a Jorge de Sena” e “A vida de Camões”, ambos de Sophia; e “A Sophia de Mello Breyner Andresen enviando-lhe um exemplar de *Pedra Filosofal*”, “Sophia da monarquia” e “Sobre um verso de Sophia de Mello Breyner Andresen”, de Jorge de Sena.

A apresentação do livro fica a cargo de Teresa Cristina Cerdeira, que, no prefácio intitulado “Celebrar Sena & Sophia”, toma como mote a afinidade artística e intelectual entre os dois, ressaltando as diferenças no modo como cada um lidou com as contrariedades de um tempo de opressão, marcado pelo regime ditatorial, que termina por afastá-los, do ponto de vista geográfico, de modo irremediável: Sophia permanecendo em Portugal, Sena, exilando-se no Brasil e posteriormente nos Estados Unidos. Esse panorama poético-biográfico traçado por Teresa serve como porta de entrada para anunciar o que está por vir, abrindo caminho para as múltiplas inquietações em torno dos dois poetas. Na seção seguinte somos conduzidos ao Átrio: “Sena e Sophia: escrever no princípio do mundo”, espaço dedicado às considerações do poeta e diplomata Luís Filipe Castro Mendes a respeito do gesto de criação poética na obra dos autores homenageados. A partir daí, nas salas ou quartos contíguos, desdobram-se inúmeros aspectos da obra de Sophia e Sena, de modo que podemos perambular e nos perder entre as facetas de poeta, contista, ensaísta, tradutor e ativista que ambos exerceram com paixão, sempre numa ligação fundamental entre poesia e vida. Não por acaso, como quem parte de uma casa já vislumbrando o seu exterior, a última seção do livro intitulada “Sena & Sophia & outras vozes” revela um espaço de abertura e diálogo, seja entre eles, seja com a obra de outros poetas ou mesmo com outras formas de arte, espaço de despedida e também de chegada, pelo qual nos despedimos do século XX e adentramos na contemporaneidade.

A liberdade, tema tão caro aos dois poetas, permite-me entrar e sair desses espaços inúmeras vezes, numa tentativa de construir imagens a partir de diversos pontos de vista, revelando as múltiplas facetas de Sena e Sophia. Para começar o percurso, detenho-me nos ensaios que consideraram a vertente da prosa, comum aos dois autores, tanto no sentido ensaístico como no da ficção e também das correspondências propriamente ditas. De fato, Jorge de Sena redigiu alguns trabalhos de fôlego no campo ensaístico, como,

por exemplo, seus detalhados estudos sobre Camões. Mas será, sobretudo, a respeito do interesse por Maquiavel que Antonio Pedro Pita escreverá o texto “Pensar a experiência contemporânea: o contributo de Maquiavel e outros estudos de Jorge de Sena”. Por sua vez, em “Questão da crítica literária no discurso de Jorge de Sena”, José Cândido de Oliveira Martins apresenta as preocupações do poeta em relação à prática da crítica literária e da necessidade de renovação da mesma. Monica Simas, em “O surrealismo será aquilo que nossa atitude ditar”, trata da posição de Sena em relação ao Surrealismo em Portugal e da polémica envolvendo o poeta António Pedro. No que diz respeito ao ensaísmo na obra de Sophia, destaca-se o texto de Federico Bertolazzi, “No reino terrível da pureza, a prosa dispersa de Sophia”, no qual o autor reúne diversas reflexões da autora acerca da poesia e do fazer poético. Já Ida Alves, em “Jorge de Sena: um leitor da cultura brasileira”, oferece-nos outro ângulo da veia ensaística de Sena, dessa vez situando-o no solo do Brasil. Sophia, que também esteve em solo brasileiro, tem sua passagem por aqui lembrada por Eucanaã Ferraz em “No centro do reino de Ártemis A viagem de Sophia ao Brasil”, ensaio que se vale de notícias de jornal, manuscritos inéditos, cartas e poemas para registrar as impressões da poeta.

As obras ficcionais de Sophia e Sena foram igualmente discutidas, com destaque para os *Contos exemplares* e “O rapaz de bronze”, comentados por Ângela Beatriz de Carvalho Faria e Luci Ruas, respectivamente. Ambos os ensaios – “A presença humana e a dimensão política em *Contos exemplares*” e “Entre flores e festa noturna, a busca da unidade em *O rapaz de bronze*” – chamam a atenção para o entrelaçamento do político e do estético, do sensível e do visível, característico da poética de Sophia, mesmo quando se trata de um conto infantil, como no caso de “O rapaz de bronze”. Ainda em relação a Sophia, o ensaio de Maria Elizabeth Graça de Vasconcelos, “Sophia: tempo e memória”, apresenta o trabalho de “reconto” que a poeta elaborou na construção dos contos “A Árvore” e “O espelho ou o retrato vivo”. Já *O físico prodigioso*, de Jorge de Sena, serve de estopim para a inquirição de Horácio Costa em torno da questão da representação do corpo masculino em “O prodigioso físico do físico prodigioso”. Margarida Braga Neves em “Casa e casas nalguma ficção de Jorge de Sena”, elege os contos hoje reunidos em *Antigas e novas andanças do demônio* para refletir acerca da presença e do sentido que a casa adquire na ficção de Sena. Já Marcelo Pacheco Soares destacará o conto “O urso, a pantufa, o quadro e o general”, de *Novas andanças do demônio*, para tecer uma leitura que ressalta o seu caráter hermético em “O natal, a alquimia, o tempo e o espírito”.

A escrita em prosa dos dois poetas estende-se ainda para a dimensão das correspondências, como demonstra Maria Otilia Pereira Lage em “Discurso epistolar entre Jorge de Sena e Sophia”, representando testemunhos históricos de sua época e Rui Pedro Vau, que no ensaio “A correspondência entre Sena e Sophia e o diálogo com o cinema da poesia de Rita Azevedo Gomes” revela como a troca de cartas entre os dois poetas foi transportada para a sétima arte.

Já a obra poética de Sophia e Sena ganha, naturalmente, maior destaque, tendo sido abordada por grande parte dos ensaístas. Seria possível começar citando o ensaio de Vilma Arêas, “Sophia – os pequenos pássaros da interpretação”, que traça um panorama da obra de Sophia, destacando questões que retornarão em outros textos. Não por acaso, algumas temáticas se repetem em ensaios dedicados aos dois poetas, como é o caso da escrita do soneto. Em “Desenhar a linha dos teus flancos: Sophia e o soneto”, Roberto Bezerra de Menezes apresenta alguns sonetos de Sophia para revisitar questões de sua poética, ressaltando que a poeta distendeu a forma do soneto. Do mesmo modo, Annie Gisele Fernandes, em “Jorge de Sena e seus sonetos: ainda que não”, dedica-se ao empenho de Jorge de Sena em reestruturar a forma fixa do soneto, apontando para um gesto de inovação. Esse caráter experimental da obra de Sena é indicado também em “Um jogo demoníaco”, ensaio de Lucas Laurentino que destaca o poema “Homenagem a Sinistrati”, ressaltando-lhe o aspecto de sedução e de enigma. Ainda no que diz respeito a Sena, o traço marcadamente político de sua obra será destacado por Silvio Renato Jorge em “Jorge de Sena: um olhar atento sobre o seu tempo”, que assinala a insistente luta do poeta contra o fascismo e o discurso salazarista. Do mesmo modo, em “Jorge de Sena e as cores da liberdade”, José Vaz de Carvalho reitera o engajamento político de Sena em suas considerações a respeito da necessidade de uma arte comprometida e útil. Ainda nesta tópica da vertente crítica da poética seniana, Sabrina Sedlmayer, em “Non de trás para a frente é non: a negatividade em Jorge de Sena”, revela a presença do *não* na poesia de Sena, atentando para os vários sentidos da negatividade, tais como a recusa, a revolta e a tensão.

Tomando um ponto de vista mais voltado à questão da subjetividade, Luciana Salles, em “Dos olhos de Artemidoro: reflexo e reflexão em Jorge de Sena”, discute o processo de busca de si e do outro que se dá a ler em *Metamorfoses*. Atento à questão da unidade entre poesia e vida, Carlos Mendes de Sousa, em “Toda a vida vivida”, comenta a tensão dialética que atravessa a obra poética e ficcional de Sophia, na medida em que se liberta do tempo e do espaço, porém permanecendo ligada ao tempo presente. Já Carolina Anglada, em “Navegar, derivar: o dizer para ver de Sophia”, se vale do tema da viagem para refletir acerca da poética do olhar, traço distintivo da obra de Sophia. Se a tensão entre som e silêncio é uma questão essencial para a poesia, não poderiam faltar ensaios que se debruçassem sobre essas inquietações. Assim, em “O ‘pickup’ de Jorge de Sena: sobre o suporte material da *Arte de música*”, Rui Vieira Nery destaca o componente musical da obra de Sena, considerando-a uma “declaração de amor da poesia à música”. De forma des(semelhante), em “Paisagem e palavra: Sophia e o silêncio”, Constance Von Krüger atribuirá à poeta uma posição de escuta, na qual o silêncio se faz presente, dando voz ao poema. Esse lugar de escuta será igualmente comentado por Maria Silva Prado Lessa, que no ensaio “Atenta como uma antena: a invocação à Musa e a poética da escuta de Sophia” aprofunda essa questão, partindo das “Arte poética II” e “Arte poética IV” e chegando ao poema “Musa”. Igualmente inspirada pelas “Artes poéticas” de Sophia, Angela

Maria Rodrigues Laguardia, em “Figurações do feminino em Sophia, a poeta que amava os gregos”, examina a presença do mundo grego na poética de Sophia, concentrando-se sobretudo nas personagens femininas. Passando do plano da subjetividade ao da intimidade, Ana Luísa Amaral, em “Entre-cartas: paisagens com poemas, filhos, dois mares e liberdade ao fundo”, dedica-se às afinidades e conversas entre Sena e Sophia a partir de um ponto de vista pessoal, “sem considerações académicas”. Por último, dois ensaios que conectam Jorge de Sena a questões muito em pauta na atualidade: o de Joana Meirim, “Tradução e talento individual: Jorge de Sena tradutor e antologizador”, que destaca mais uma faceta de Jorge de Sena, a de tradutor, apresentando suas reflexões e algumas divergências de pensamento em relação a Sophia sobre a prática de tradução; e o de Luis Maffei, “Golden Shower segundo Jorge de Sena: ‘diálogo místico’ e ‘filmes pornográficos’ para o Brasil de hoje”, que parte de uma discussão sobre pornografia para desembocar numa leitura do fascismo situada no contexto político atual do Brasil.

Abrindo outras portas nessa imensa casa, vários ensaístas dedicaram-se às interlocuções entre as poéticas de Sena, Sophia e outros poetas. Cecília Meireles ganha destaque nesse conjunto, tendo sido objeto de dois ensaios: o de Jorge Fernandes da Silveira e o de Susana L. M Antunes. O primeiro, dedicado a Sophia, “Capítulo sexto: Sophia e Cecília em companhia da biógrafa e da fadista no canto do conto”, toma como ponto de partida o tema do mar e do naufrágio para estabelecer conexões entre as duas poetas; e o segundo, “Jorge de Sena e Cecília Meireles: o poema-errância em (irresistível) contraste”, ressalta o traço de errância que define ambos os poetas como viajantes e indisciplinadores de almas. Ainda para pensar o diálogo entre Sena, Sophia e poetas brasileiros, dois ensaios destacam João Cabral e Murilo Mendes. É bastante conhecida a amizade de Sophia e João Cabral, que será apresentada por Rafaela Cardeal no texto “Sophia e João Cabral no gume do poema”, ressaltando os poemas que demonstram essa consonância entre as duas vozes. Já o ensaio que convoca Murilo Mendes ao diálogo é o de Silvana Maria Pessoa de Oliveira, “Sophia & Murilo Mendes: visões da Grécia”, que retoma a importância do legado cultural representado pelo mundo grego na poética de ambos.

Quanto à interlocução com poetas portugueses, comparecem Natália Correia, Gastão Cruz e Adília Lopes. Jorge Vicente Valentim, em “Natália Correia e Jorge de Sena, um diálogo (im)provável(?)”, destaca as antipatias declaradas e as afinidades entre os dois poetas, considerados intelectuais paradigmáticos no século XX em Portugal. António Carlos Cortez, “Sobre esta praia: a vida da poesia, Jorge de Sena e Gastão Cruz e uma nona meditação à beira do pacífico”, recupera a relação entre poesia e vida para pensar a dimensão testemunhal, em amplo sentido, que atravessa a obra de ambos. Por fim, já adentrando no século XXI, Sofia de Sousa Silva, em “A poetisa e sua mestra”, demonstra como a citação desempenha um papel fundamental na poética Adília Lopes e em que medida essa estratégia revela Sophia como sua possível mestra.

Finalmente, chegamos ao viés da recepção, representado pelo texto “‘Fazem cá um barulho com a morte do gajo!’: a morte de Jorge de Sena na imprensa portuguesa”, de

Inês Espada Vieira, que reúne uma grande quantidade de notícias publicadas na imprensa portuguesa acerca da morte de Sena.

A partir do ir e vir entre os mais variados textos, saímos desse livro-casa com algumas possíveis imagens de Sophia e Sena, sempre inacabadas, sempre provisórias, porém potentes o bastante para nos surpreender e nos contagiar com o vigor, a beleza e a insubordinação que guiaram a vida e a obra dos dois poetas.

NOTAS

* Izabela Leal nasceu no Rio de Janeiro, em 1969. Bacharel em Psicologia, fez mestrado em Literatura Portuguesa na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e doutorado em Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Rio de Janeiro com bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian. Publicou, em 2008, sua dissertação de mestrado, com a da professora Gilda Santos, num livro intitulado *Camilo Pessanha em dois tempos*. Lecionou literatura portuguesa e teoria da literatura. Realizou pesquisa de pós-doutorado sobre as traduções de Herberto Helder com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj). Atualmente é professora de Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Pará.

BIBLIOGRAFIA

Gilda Santos, Luci Ruas, Teresa Cristina Cerdeira (Orgs.) (2020), *Sena & Sophia: centenários*, Rio de Janeiro, Bazar do Tempo.